

Bruno Ribeiro da Silva e Maria
Fernanda Rodrigues Ambrosio,
alunos da 2ª série do Ensino Médio.

VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL
ano 3 / nº 7 / 1º trimestre letivo de 2019

Acertando todos os alvos

Suely Nercessian Corradini, diretora do Vital, diz por que o vestibular não foi o único motivo de festa no Colégio.

Os 96% dos concluintes aprovados no vestibular são um sinal de que o Vital está no caminho certo, não?

É *um dos sinais*, mas repito o que disse no ano passado: entendemos a escola como espaço de formação integral do indivíduo, ou seja, de desenvolvimento cognitivo, motor, social e afetivo. Nesse sentido, a preparação para o vestibular é apenas um dos objetivos. Estamos alinhados com a proposta da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) para a Educação no século XXI, baseada em quatro pilares: aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. Isso abrange bagagem acadêmica, mas também respeito à diferença, diálogo, empatia e outras competências que vão sendo desenvolvidas ao longo da vida escolar.

Mas os vestibulares são objetivos concretos, com resultados quantificáveis.

Mas dá para ter objetivos de aprendizagem bem discriminados em cada ano da escolaridade. Só para ficar no campo da escrita: esperamos que, no Maternal, a criança reconheça o próprio nome e sua letra inicial; que, no Pré I, ela escreva o nome; que, no Pré II, já registre as primeiras palavras e textos por meio de hipóteses de escrita (como ela *acha* que se escreve); que, no 1º ano, ela se aproprie do código alfabético e consolide as habilidades de praxia fina; que, até finali-

zar o Fundamental I, produza textos de sua autoria. Há inúmeros resultados.

Como evidenciá-los para pais e familiares?

A própria Revista ViBRA mostra os resultados dos nossos projetos. Nesta edição, mostramos como se dá o trabalho de promoção da convivência ética entre os pequenos, o projeto de produção de textos do Fundamental II, os certificados de Inglês obtidos pelos alunos, nosso projeto de Artes... E não é difícil para os pais perceber os resultados na formação do filho: é observável quando uma criança com dificuldade para seguir regras, por exemplo, passa a respeitar a vida em sociedade.

Voltando ao vestibular: como o Vital consegue os níveis de aprovação?

Hoje em dia, os vestibulares têm formatos muito diferentes: a 2ª fase da FGV (Fundação Getúlio Vargas) tem prova oral; a de Medicina da [Faculdade Israelita de Ciências da Saúde] Albert Einstein tem até dinâmica de grupo. Não há uma série de conteúdos para se decorar como preparação; é preciso ter conhecimentos diversos, saber articulá-los e aplicá-los na solução de problemas. O sucesso dos nossos alunos mostra que não importa o formato de ingresso ao Ensino Superior, nosso ensino dá conta dessa competência mais ampla.



O que o YouTube tem para ensinar?

Em um universo imenso e em expansão – 400 horas de novos vídeos a cada minuto –, há mundos de informação a ser explorados. Aqui, nossa equipe sugere canais do YouTube para quem tem paixão pelo conhecimento.



DICA GERAL

Vale conferir a plataforma educativa do próprio YouTube, que traz videoaulas e conteúdos sobre Língua Portuguesa, Matemática, Química, Física, Biologia, História, Geografia, Inglês e Espanhol.

YouTube Edu: www.youtube.com/educacao

1

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

Canais para quem quer escrever certo e escrever bem; para ganhar repertório e compreensão da contemporaneidade; para ganhar qualidade de vida e compreensão de si mesmo.

- Saúde na Rotina: www.youtube.com/saudenarotina
- Redação e Gramática Zica: www.youtube.com/redacaoegramatica
- Fronteiras do Pensamento: www.youtube.com/fronteiraspoa

2

CIÊNCIAS DA NATUREZA, MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS

Canais que explicam como o mundo funciona, desde a origem do próprio tempo até a última tecnologia que acaba de ser inventada – e, quem sabe, o que ainda virá.

- Manual do Mundo: www.youtube.com/manualdomundo
- Ferretto Matemática e Física: www.youtube.com/professorferretto
- Ciência Todo Dia: www.youtube.com/cienciatododia

3

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

Canais para quem gosta de explorar ideias, para quem quer navegar o mundo amparado pelas luzes do passado e pelas melhores mentes que a humanidade já produziu.

- Canal Nostalgia: www.youtube.com/nostalgia
- Nerdologia: www.youtube.com/nerdologia
- Alimente o Cérebro: www.youtube.com/alimenteocerebro

4

LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Canais que ajudam a reforçar o aprendizado de Inglês e Espanhol, para quem deseja se comunicar com o mundo.

- English with Lucy: www.youtube.com/englishwithlucy
- Mairo Vergara: www.youtube.com/mairovergara
- Español Automático: www.youtube.com/espanolautomatico



A convivência por princípio

Com base no diálogo, projeto dá a alunos a chance de resolver seus conflitos e construir, juntos, a vida em sociedade.

Os alunos da professora Carolina Leite se reúnem em círculo no chão, esperando sua vez de falar. A assembleia começou, mesas e cadeiras afastadas do centro da sala para dar espaço à turma inteira do 5º ano B. Um aluno é responsável pela ata do evento; outra aluna registra os colegas que erguem a mão para ir concedendo a palavra, um a um. É uma sessão ordenada, mas nada enfadonha.

A pauta inicial foi motivada pelas queixas de alguns alunos, de que nem sempre podiam escolher os amigos próximos para trabalhos em grupo. Um menino opina que, em trabalhos coletivos, cada pessoa pode trazer uma qualidade diferente à equipe. Uma menina pondera que é até uma chance de fazer novos amigos. Então um aluno expõe aquilo que, logo fica claro, está no centro das preocupações da turma: “Quero falar sobre fazer trabalho com meninas. Todo mundo vai trabalhar junto alguma vez na vida, meninos com meninas, e não é por isso que vocês estão namorando?”

O restante da aula não será tempo suficiente para dar conta de todas as mãos erguidas. A maioria tem uma opinião ou relato para contar, sobre “zoeiras” sofridas ou testemunhadas.

Carolina ouve a todos com atenção, deixando-os falar livremente: “Interessante... Isso é importante, não é?” Em certo momento, percebe que uma aluna relata algo vivido por um amigo e recomenda: “Quando a gente está em assembleia, a gente evita falar o nome das pessoas, para não constrangê-las, entendem?”

A sessão avança com novos relatos de alunos – pré-adolescentes que ainda estão aprendendo o que devem ou não dizer aos outros, como não magoar e não ser magoados –, mas a professora não lhes dá uma solução. “O que vocês diriam para o colega que está sendo ‘zoadado?’”, pergunta Carolina. As sugestões vêm de todos os lados: não se importar com as chacotas; pedir aos provocadores que parem; falar com algum adulto.

“Quem pode anotar essas sugestões na lousa?”, pergunta a professora. “Agora, vamos fazer um combinado simples? Vamos combinar de não ficar chamando ninguém de namoradinho do colega?”

Menos curativo, mais preventivo

A realização da assembleia não é um evento isolado no Vital Brazil. Trata-se do aprimoramento de um projeto concebido em 2017, focado em ajudar as professoras da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I a mediar conflitos entre alunos. Em 2019, esse projeto deu um salto de qualidade.

Como conta a coordenadora pedagógica Káthia Kobal, o projeto surgiu de uma constatação. “Há dois anos, começamos a notar que algumas turmas de alunos vinham mais à Coordenação do que outras, por apresentarem mais problemas atitudinais e de convívio. Passamos a nos perguntar por que aquilo ocorria e se haveria alguma forma de garantir que todas as professoras estivessem igualmente capacitadas a mediar conflitos entre seus alunos”.

Para atingir esse objetivo, o Vital contratou a psicóloga Flávia Vivaldi, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (Gepem), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), que passou a ministrar encontros de formação a professoras, estagiárias e funcionários de pátio responsáveis pela Educação Infantil e pelo Fundamental I.

Desde então, a equipe tem sido mais habilidosa em condutas que atenuam, em vez de exacerbar, as situações de incivilidade, quando acontecem. Condutas como usar linguagem simples, descritiva e sem juízo de valor; priorizar a mediação em vez da arbitragem, dando aos alunos a chance de buscar soluções para os próprios dilemas (“O que podemos fazer agora? Como podemos agir diferente da próxima vez?”); validar os pontos de vista dos envolvidos, incentivando cada um a verbalizar



Sem “zoeiras” e apelidos jocosos: a turma do 5º ano B discute e propõe, em assembleia, acordos para uma convivência mais harmoniosa.



seus sentimentos e a escutar os demais; entre outras práticas que, segundo Káthia Kobal, “já haviam reduzido os casos que chegavam à Coordenação”. Mas o projeto podia ser ainda mais eficaz.

“Em 2019, esse projeto será menos curativo e mais preventivo”, diz Káthia. Para ir além da resolução de divergências pontuais, ela explica que o objetivo é a construção de uma cultura de convivência ética, na qual as divergências, caso ocorram, sejam mais bem compreendidas e administradas pelos próprios alunos, com base em valores e regras pactuados com todos. Regras como aquelas estabelecidas na assembleia da professora Carolina.

Para tanto, Flávia Vivaldi vem ministrando mais encontros de formação com a equipe pedagógica. Assembleias e rodas de diálogo com os alunos de 2º a 5º ano – que já aconteciam desde 2018 pontualmente, em alguns minutos de aula, quando havia a necessidade de se discutir uma questão com a classe – tornaram-se sistematizadas, tomando aulas inteiras a cada 15 dias (ou mais, se necessário). Mais concretamente, cada classe passa a ter na parede um painel de Convivência Ética, no qual são registrados os valores, os princípios e as regras do Colégio (inegociáveis, valem para todos) e também os combinados que cada turma negociar entre si. “Cada classe tem dinâmicas e demandas atitudinais diferentes”, diz Káthia.

Além de promover a consciência de coletividade, a coordenadora assistente Adriana Cardoso diz que essas assembleias são entendidas como fatores de proteção a casos de desentendimento ou desrespeito entre colegas, pois “fortalecem a autoimagem, a autoestima e a autonomia dos alunos para lidar com seus problemas” – ao menos, para não dependerem dos pais e buscarem ajuda com os adultos da escola.

Segundo Káthia Kobal, tais competências são essenciais à força do ensino do Vital. “Ensino forte, nessa fase, não é equação de segundo grau”, brinca a coordenadora, ressaltando, porém, que aprender a conviver é uma das bases em que o futuro acadêmico do aluno se assenta. “Tudo isso também é pedagógico”.



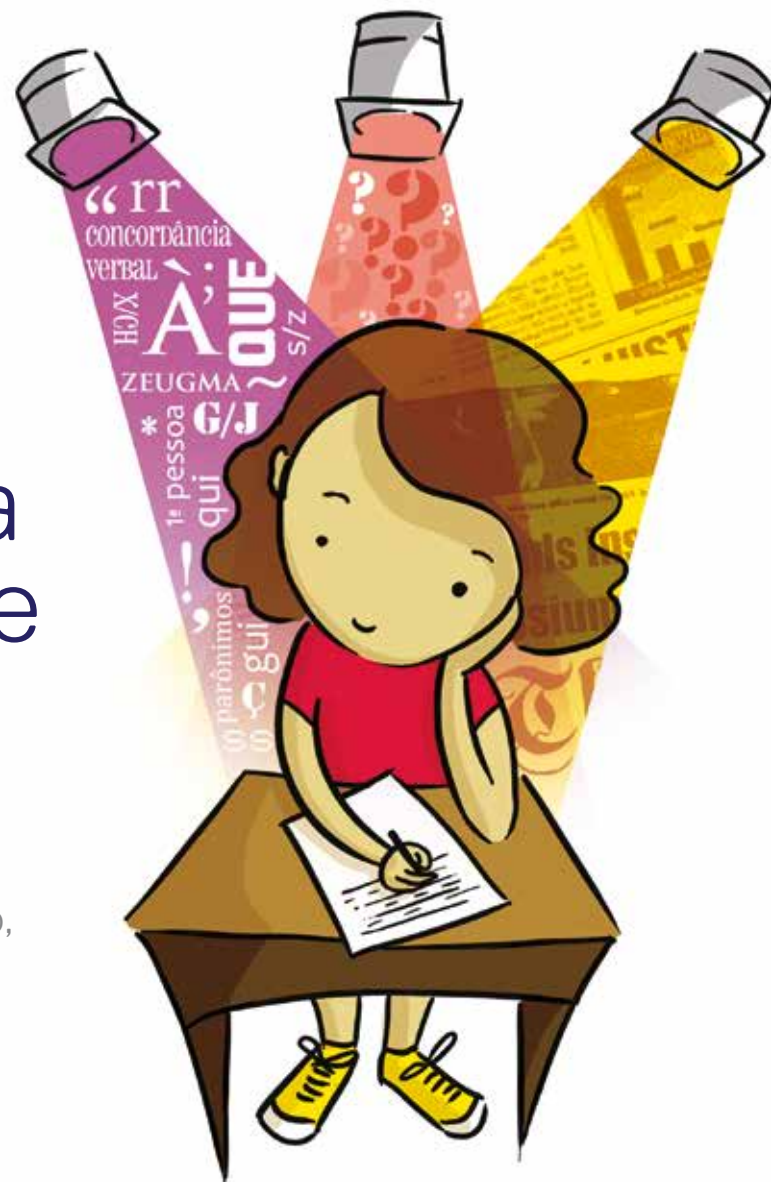
1 Em 2019, a capacitação da equipe pedagógica em mediação de conflitos se intensifica e foca na promoção de uma cultura de convivência ética: “menos curativo, mais preventivo”.

2 Os alunos são levados a refletir sobre dilemas do convívio diário, a expor seus pontos de vista, a escutar os dos colegas e a participar ativamente da formulação de acordos coletivos.

3 O projeto fortalece competências como autoestima, autoimagem e autonomia para lidar com conflitos, além da consciência da coletividade e do respeito ao outro.

O dom da palavra ao alcance de todos

Nas aulas de Produção de Texto, escrever bem é resultado de repertório, reflexão e prática.



Em outubro de 2016, uma verdade conhecida pela equipe pedagógica do Colégio Vital Brazil se tornou fato comprovado nacionalmente: os alunos do Vital sabem escrever bem. Com média de 830,7 na Redação do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) do ano anterior, o Vital foi considerado o melhor texto entre as escolas da Cidade de São Paulo, segundo lugar no estado e 40º no País. Era apenas a segunda turma de concluintes do Colégio, que desde então tem obtido médias superiores a 800 na Redação do Enem – incluindo 863,0 no ano passado, seu melhor desempenho até hoje (o *ranking* do Enem 2018 só será divulgado no meio do ano).

Índices como esses não vêm por acaso nem se explicam pela concentração improvável de talentos. Até porque se há uma convicção que norteia os professores de Produção de Texto do Vital é a de que *escrever bem*

não é questão de talento, mas sim resultado de repertório, reflexão e prática. Um processo que pode ser ensinado sistematicamente e que, no Vital, ganha relevo a partir do 6º ano do Fundamental.

Pela proposta do Colégio, até o 5º ano os alunos entram em contato com – e produzem – diversos tipos de texto (narrativo, descritivo, injuntivo, etc.) e gêneros textuais (contos, poemas, notícias, receitas, etc.) nas aulas de Língua Portuguesa. É a partir do 6º ano, porém, que a matriz curricular reserva aulas específicas para a Produção de Texto, duas em sequência por semana, independentes das aulas de Português. Do 7º ano em diante, as duas disciplinas já não têm nem os mesmos professores ou livros didáticos.

A mudança tem alguns propósitos. O primeiro é garantir consistência e continuidade, ao longo do Fundamental II, a um projeto que atenda às necessidades

específicas da disciplina, que é um campo de conhecimento próprio. Como afirma a professora Cristina Speechoto, do Grupo de Oficina de Redação de 8º e 9º anos, “o que o aluno aprende nas aulas de Língua Portuguesa é um dos instrumentos da produção de texto, mas não o único. Outros são leituras de qualidade, interpretação, construção argumentativa, técnicas de escrita em geral”. Escrever certo, diz ela, não basta para escrever bem.

As folhas de redação utilizadas a partir do 6º ano evidenciam isso. Elas trazem listados no verso 30 critérios para a correção de textos, dos quais apenas 10 dizem respeito à *norma culta* da língua (ortografia, regência e concordância nominais e verbais, uso pronominal, etc.). Os outros 20 vão da *apresentação* da redação (ausência de rasuras, boa caligrafia, respeito às margens e ao limite de linhas, etc.) a critérios de *estilo* (uso de gírias, clichês, repetição de palavras, etc.), *conteúdo e desenvolvimento* (adequação ao tema e tipo redacional, originalidade, clareza, etc.) e *estrutura* (paragrafação, uso de conectivos, coesão, etc.).

A lista de critérios é ferramenta fundamental, primeiro porque ajuda o aluno a identificar os pontos fracos de seu texto; segundo, ela o faz ver que é possível determinar objetivamente se um texto é bem ou mal escrito. Que dois corretores distintos, com base nos mesmos critérios, chegarão a avaliações muito próximas sobre a qualidade de um texto. O que, aliás, de fato acontece no Vital.

Escrever é parte do processo

No Vital Brazil, toda redação do 6º ano em diante é avaliada duplamente: uma vez por um corretor externo, outra pelo professor (a ordem pode ser inversa). Na primeira revisão, o aluno tem a chance de ver as marcas e comentários do primeiro corretor, refletir sobre eles e produzir uma segunda versão, aprimorada, de seu texto.

Além de ressaltar o valor da revisão para o processo (nenhum texto sai “redondo” de primeira, todo autor precisa de um olhar externo), o expediente amplia, na prática, o quanto o aluno escreve ao longo do ano. Considerando-se duas versões de cada texto, o aluno do Vital produz, no mínimo, 30 redações por ano. (Ou 45, se considerados os rascunhos que os alunos são instruídos a fazer em folha à parte, para propiciar uma [auto]avaliação inicial e prevenir rasuras no documento definitivo.)

Isso sem falar nas Oficinas de Redação – aulas extracurriculares oferecidas para alunos de bom desempenho escreverem ainda mais e em gêneros ainda mais diversos, como programas de TV, peças de teatro, textos de comédia *stand-up*, etc. – ou no Programa Especial de Estudos – para os que precisam de atenção extra dos professores, a fim de superar dificuldades.

Mas prática, por si só, também não faz um bom texto.

Segundo o assessor de Língua Portuguesa e Produção de Texto do Vital, Tiago Gomes, toda aula começa com discussões teóricas sobre o gênero trabalhado (*o que é um conto, como se apresenta o diálogo entre personagens, qual a voz do narrador, etc.*), reflexões sobre o repertório dos alunos (*o que sabem a respeito de um fato que precisam noticiar, onde buscar e verificar informações, etc.*) e, principalmente, leituras. “Não se cria texto do zero; é preciso ler antes, refletir, discutir. Escrever é apenas parte do processo”, diz o assessor.

À medida que se aproxima o Ensino Médio, repertório e reflexão são ainda mais importantes para a fundamentação de boas opiniões. É nesse ponto, diz Tiago, por volta do 9º ano, que o aluno já domina a estrutura dos mais variados gêneros textuais (“ele já produz qualquer tipo de texto com intenção e técnica”) e pode, no Médio, seguir treinando e enriquecendo sua escrita, agora com foco em textos argumentativos e propostas de intervenção positiva na sociedade, competência exigida nas redações da maioria dos vestibulares e do Enem. O que, já está provado, os alunos do Vital fazem muito bem.

1 A partir do 6º ano, o projeto pedagógico de Produção de Texto do Vital ganha relevo, com aulas específicas na matriz curricular, independentes das aulas de Língua Portuguesa.

2 A mudança dá consistência à disciplina, que requer conhecimentos e competências próprios, além da norma culta da língua. Escrever certo não basta para escrever bem.

3 O curso resalta conhecimentos técnicos (estrutura dos gêneros textuais, técnicas de escrita) e o valor da revisão, além de leituras e reflexões como base de repertório e ideias.

Autonomia certificada

A importância dos certificados de Cambridge para o programa de Inglês do Vital.



Maria Eduarda Bonatti e Luiza Gibran, 3ª série B, certificadas com o CPE: a caminho do Direito Internacional, o Inglês já não é mais uma língua estrangeira.



Enzo Claudino, 1ª série C, certificado com o CAE, em busca do CPE: diferencial para o mercado e para estudos no exterior.



Júlia Fernandes, 2ª série C, certificada com o FCE: nos simulados, já atinge pontuação suficiente para conquistar o CAE no meio do ano.

Aluna da 3ª série do Ensino Médio, Luiza Gibran entrou no Vital em 2014 com “um nível bem básico” de conhecimento do Inglês, mas logo se mostrou capaz de avançar no aprendizado. Sem nunca ter feito curso de idiomas – “tudo que aprendi de Inglês foi no Vital” –, Luiza foi acelerando sua educação, pulando estágios e passando nos exames de certificação de Cambridge. Em 2017, foram o FCE¹ e o CAE², e, em 2018, o CPE³ – o maior grau de proficiência atestado pela universidade inglesa. Ela e a colega Maria Eduarda Bonatti tornaram-se as primeiras alunas do Colégio a obtê-lo já na 2ª série do Médio. Hoje, no último ano de escola, são monitoras da atual turma do preparatório para o CPE.

Não é a única semelhança entre as duas, que planejam cursar Direito Internacional na Universidade de São Paulo (USP). Maria Eduarda, para “tentar melhorar a imagem do Brasil lá fora”, como diplomata; Luiza, para “ter algum impacto no mundo”, como advogada em defesa dos direitos humanos de refugiados. Para ambas, o Inglês será fundamental – e, com o CPE na mão, nenhum problema.

“Quando você chega a esse estágio, o Inglês deixa de ser uma língua estrangeira”, resume Maria Eduarda. “Tenho uma lista de duas ou três empresas em que gostaria de trabalhar e todas exigem Inglês, no mínimo, avançado. E, para nosso plano de carreira – provavelmente, na União Europeia –, elas vão exigir o certificado de Cambridge”.

Os planos de Luiza e Maria Eduarda podem ser bem específicos, mas, ainda que nem todos os sonhos profissionais demandem a proficiência do CPE, o objetivo do Vital para os demais alunos não fica tão longe. Segundo a coordenadora do Departamento de Inglês, Mônica Lemos, o projeto é que todos saiam do Colégio com pelo menos o FCE no currículo. “É uma chancela vitalícia do nível do aluno (a validade do certificado não expira) e da qualidade do curso”, diz Mônica. “O aluno com FCE já está autônomo, fala sobre vários assuntos sem travar, sem ficar pensando na palavra certa”.

O desejo de Mônica ainda não se realizou, porque ainda não são todos os alunos que se candidatam aos exames de Cambridge – embora todos que o fizeram, até hoje, tenham sido aprovados. Mas o fato é que os números de aprovações estão crescendo. Nos últimos cinco anos, foram: 18 alunos certificados em 2014; 32, em 2015; 41, em 2016; 48, em 2017; e 54, em 2018. E os alunos estão chegando aos níveis mais altos cada vez mais cedo, como

aconteceu com Luiza e Maria Eduarda. Ou com Enzo Claudino, da 1ª série do Médio, que obteve o CAE ainda no 9º ano do Fundamental.

Enzo está decidido a prestar o CPE, mesmo sabendo que o diploma é mais do que o necessário para seus planos acadêmicos e profissionais (pretende cursar Economia, Engenharia e Direito e seguir carreira executiva) – “sigo o princípio de que, tudo que eu fizer, tenho de fazer muito bem e até o final”. Para ele, o certificado será “diferencial tanto para o mercado como para oportunidades de estudo no exterior”.

Aluno do Vital desde o início do Colégio (“minha matrícula é a 00002”), Enzo elogia a qualidade das aulas e o modelo do curso de Inglês, organizado, a partir do 6º ano, em estágios semestrais, com turmas definidas por nível de conhecimento. No entanto, Enzo fez aulas de Inglês à parte desde criança. O que Mônica Lemos prevê é que, com o tempo, alunos que entrarem na Educação Infantil tenham a chance de fazer todo o curso de Inglês do Colégio do início ao fim, e que o projeto prove ser suficiente para lhes garantir o domínio da língua, sem aulas externas.

A coordenadora vê nas certificações de proficiência parâmetros de qualidade valiosos para a escola. “Do 6º ano em diante, fazemos um paralelo entre os *standards* (padrões) de cada estágio do Inglês e os níveis listados no Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas, utilizado por Cambridge (*v. quadro*). O que se espera lá, cumprimos aqui”, diz Mônica.

Do Básico ao *Basic*

Mesmo antes do 6º ano, diz Mônica, o Inglês do Vital promove fortes alicerces. Com o Inglês oferecido do Pré I ao 5º ano, o aluno “já escreve cartas, lê livros de aventura, descreve lugares e experiências e se comunica com nativos numa viagem ao exterior, em situações controladas, sem sofrimento. Isso é o mínimo; se a família cultivar a língua estrangeira, ele pode ainda mais”, diz ela.

A professora Mírcia Valenzi explica o que seriam “situações controladas”: “O aluno pode ligar para a recepção do hotel e perguntar onde tomar um ônibus, por exemplo, mas pode não ter autonomia para lidar com um chuveiro quebrado ou outro imprevisto”. Segundo a professora, até o 5º ano o Vital prioriza a exposição do aluno ao Inglês – “noções básicas, muito vocabulário, para que ele se acostume com os usos da língua” –, para só então iniciar o aprendizado sistemático da gramática e estudo de temas mais profundos.

É quando uma avaliação diagnóstica no fim do 5º ano indica em qual estágio de Inglês, do *Basic 1* ao *Basic 4*, o aluno começará sua preparação para os certificados. Ou seja: o *Basic* aqui não tem nada de “básico”, no sentido de começar do zero, é só o início de uma nova etapa do aprendizado. E é claro: dependendo do interesse do próprio aluno, é sempre possível pular estágios e avançar mais rapidamente no aprendizado, como fez Luiza Gibran.

“Leve o Inglês como algo cotidiano”, aconselha a aluna. “Não só nas aulas, mas assistindo a vídeos, séries. A escola dá a estrutura formal da língua, mas o que dá fluência mesmo é o que você vê, lê e ouve”.

O que Cambridge comprova?

De acordo com o Quadro Comum Europeu de Referências para Línguas (CEFR).

FCE
CEFR:
nível B2

- ▶ Compreende ideias principais de textos complexos, sobre temas concretos ou abstratos, e questões técnicas de sua especialidade.
- ▶ Interage com certo grau de espontaneidade com falantes nativos.
- ▶ Expressa-se de forma clara, coerente e detalhada sobre diversos temas, abordando aspectos positivos e negativos.

“O aluno já está fluente e autônomo, comunica-se sobre diversos assuntos e, em geral, já ‘pensa em inglês’.” (Profa. Mírcia)

CAE
CEFR:
nível C1

- ▶ Lê textos longos e complexos, percebendo significados implícitos.
- ▶ Comunica-se fluentemente, sem perder tempo com escolha de palavras, para fins sociais, acadêmicos e profissionais.
- ▶ Expressa-se sobre temas complexos de forma clara e bem estruturada, com coerência e coesão de discurso.

“Cresce a autonomia e a qualidade do vocabulário. P. ex.: em vez de cold, o dia pode estar breezy, chilly, freezing, etc. Assiste a aulas, acompanha palestras.” (Profa. Mírcia)

CPE
CEFR:
nível C2

- ▶ Compreende sem esforço quase tudo o que ouve ou lê.
- ▶ Reconstrói e resume informações e argumentos obtidos de fontes diversas, orais e escritas.
- ▶ Comunica-se de forma espontânea e criativa, distingue sutis variações de significado em situações complexas.

“O aluno tem proficiência total, em qualquer situação.” (Profa. Mírcia)

O olhar que pensa, sente e faz

Como o projeto de Arte do Vital avança da exploração lúdica da materialidade para a reflexão e a produção críticas dos alunos.

Os alunos de Juliana Carnasciali já devem estar acostumados a ser surpreendidos. Nas aulas da professora de Arte da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental, o contato com algum objeto ou substância novos leva à curiosidade; a curiosidade, à exploração; a exploração, ao encanto. E a descobertas.

Uma mala de couro com uma etiqueta que diz “A Mala das Artes” é apresentada à turma do Pré II. Após minutos de animada especulação (*o que tem aqui dentro? o que vocês acham que é arte?*), Juliana abre o zíper e revela o conteúdo secreto: uma paleta de pintura com tintas variadas, para os alunos verem e tocarem; um chocalho para explorar o som; um brinquedo de apertar; livros, blocos de desenho, ilustrações, fotografias.

Em outra aula, a turma do período integral recebe sacos de chá de diferentes sabores, copos com água, papéis e pincéis. Querem provar um pouco de chá? Ali podem. Querem usar os chás como tintas, misturando o vermelho de morangos silvestres com o ocre do cravo e canela? Podem também. Sob a supervisão de Juliana, o contato das crianças com o mundo da arte é concreto, físico, tátil.

Nos dois casos, os alunos estão apenas começando a entender o conceito de Arte, descobrindo o que é possível fazer quando se adota um olhar criativo diante do mundo. Se ficarem no Vital até o fim do Ensino Médio, terão percorrido uma trilha que os levará da livre exploração ao aprimoramento técnico, à reflexão e à produção críticas.

Do que pode ser feito às diferentes formas de fazer, ao que se pode comunicar com o que é feito.

A descoberta da voz artística

“Nosso projeto se baseia em ampliar os modos de olhar”, diz Juliana. *Olhar*, entenda-se, tem um significado próprio para a equipe de Arte do Colégio, indicando tanto percepção quanto ação: um olhar que pensa, sente e faz. A começar pelas primeiras brincadeiras na sala de Artes do Vitalzinho.

“Inicialmente, há o foco na exploração lúdica da materialidade”, diz a professora. Ao se cumprirem os objetivos de aprendizagem da Educação Infantil e dos anos iniciais do Fundamental, os alunos vão brincar com diferentes tipos de tinta, testar diferentes riscadores para produzir marcas em diferentes superfícies, explorar materiais manipuláveis (como argila e massa de modelar) e, no geral, descobrir possibilidades contidas em desenhos, pinturas, colagens, dobraduras e esculturas. No processo, adquirirão um repertório de sensações e termos que lhes permitirá pensar e agir sobre o mundo. Atributos como liso/áspero, claro/escuro, grande/pequeno e conceitos como linha, forma e simetria comporão um vocabulário que, mais à frente, poderão acessar com mais intencionalidade.

À medida que os alunos avancem nos conhecimentos estéticos e culturais, avançará também o conhecimento sobre si mesmos. Não por acaso, do Pré II em diante (quando

a criança começa a perceber a si e os colegas como indivíduos com personalidades distintas), são frequentes nas aulas de Arte exercícios variados de retratos e autorretratos.

Ao se distinguirem uns dos outros, os alunos notarão também algo semelhante em suas produções artísticas: cada um terá desenvolvido um estilo, uma voz própria. “Com o tempo, eles passam a reconhecer os traçados de cada um; se pego os cadernos de desenhos, não preciso ler os nomes, eles já dizem: ‘Esse é do Pedro! Esse é da Manuela!’”, diz a professora Sílvia Mendes, que dá aulas do 2º ao 5º ano do Fundamental.

Ver os alunos descobrirem sua “assinatura” levou a professora a refletir sobre o valor dos registros e a inspirou a instituir, entre os alunos, a adoção de portfólios pessoais. Com o título “Bagagem Artística: o que há de arte em mim”, cada portfólio reúne as obras produzidas nas aulas de Arte ao longo do ano e, como explica Sílvia, “evidencia para o aluno a continuidade e a evolução do seu trabalho”. Uma evolução, ela ressalta, que é medida tomando-se cada aluno como sua própria régua. Ela não espera que os trabalhos caminhem em direção a um arbitrário ideal de qualidade artística, mas espera, sim, que o aluno se torne capaz de fazer mais do que fazia antes, com cada vez mais consciência e domínio sobre o processo de criação.

A importância da técnica

“O que mais nos interessa na produção artística dos alunos não é o resultado, mas o processo”, diz Maristela Pinheiro, que dá aulas do 6º ano em diante. Pode-se dizer que Maristela vai mais a fundo nos aspectos técnicos do fazer artístico – e, para isso, recorre de maneira sistemática à História da Arte. Até porque é para os grandes artistas que os alunos olham para aprender.

“Assim como não há produção de texto sem leitura, não há produção artística sem treinar o olhar”, diz a professora, que promove na turma a análise e a reflexão. *Como o artista criou esse efeito? Que recursos usou?*

Exemplos disso são atividades como uma do 6º ano, em que os alunos reproduzem em folha de papel algum detalhe de uma obra clássica – um exercício sobre noções de escala, proporcionalidade e composição –, ou do 7º ano, atividade inspirada em técnica da artista nipo-brasileira Tomie Ohtake, que primeiro fazia colagens para depois produzir pinturas das colagens. De acordo com Maristela, trabalhos como esses mostram aos alunos a importância da técnica; que, embora não haja um único jeito certo de fazer arte, arte não se faz de qualquer jeito. “Todo artista tem seu processo de criação, suas fórmulas”, diz ela, que afirma que os alunos, longe de se desmotivarem com aulas de perspectiva ou desenho da figura humana, “querem técnica, eles gostam muito. A técnica é a base para a criação individual”.

A partir do 9º ano, o projeto pedagógico engata uma última marcha até o fim do Ensino Médio. O foco se torna a Arte como crítica e intervenção social. “Os alunos já estão mais maduros para se relacionarem com a arte contemporânea”, diz Maristela.

Segundo a professora, os alunos passam a estudar “como obras refletem e questionam contextos sociais específicos” – o 9º ano utiliza os três volumes da coleção *Arte e Sociedade no Brasil (1930-1956; 1957-1975; 1976-2003)* – e a produzir, eles próprios, obras mais críticas. Incluindo instalações fora do Estúdio de Arte e em lugares além dos murais de corredor, como escadas, janelas, bebedouros, etc. É quando o fazer artístico se consolida não mais como uma brincadeira exploratória ou um exercício técnico, mas como meio de expressão de ideias e inquietações próprias da nova geração.

1 Juliana Carnasciali abre a Mala das Artes diante do Pré II: o primeiro contato com a arte é concreto, físico, tátil.



2 Aluna do 4º ano apresenta seu portfólio: à medida que avançam, os alunos descobrem sua assinatura artística.



3 Detalhe do “Abaporu”, de Tarsila do Amaral, reproduzido por aluno do 6º ano: aprendendo com os grandes artistas.



4 Maristela Pinheiro ensina lições de perspectiva a aluna do 8º B: a técnica como base para a criação individual.

5 Intervenções artísticas dos alunos do Ensino Médio em ambientes diversos do Colégio: a arte como expressão crítica.



Natalia Malagueta, em momentos descontraídos com colegas, junto à diretora do Vital, Suely Nercessian, na cerimônia de conclusão do curso, e hoje como aluna da Unifesp.

Dos saberes e afetos

Ex-aluna fala da importância do Vital para sua formação acadêmica e humana.



Dois anos bastaram para Natalia Malagueta construir uma história de carinho e gratidão declarados pelo Vital Brazil. Formada na primeira turma de concluintes do Vital, em 2014, ela havia entrado no Colégio apenas um ano antes, na 2ª série do Ensino Médio. Foi o suficiente para estabelecer relações muito próximas com colegas, professores e coordenadores, a quem atribui tanto o seu bom preparo acadêmico como a sua facilidade em lidar com pessoas de uma forma humana e respeitosa – algo crucial para o exercício da profissão que escolheu.

Aprovada no curso de Fonoaudiologia da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Natalia graduou-se em 2018 e logo emendou com uma especialização na mesma instituição, que concluirá no fim deste ano (depois, planeja seguir com um mestrado).

Seu desempenho no meio acadêmico chama atenção: durante o bacharelado, foi monitora e bolsista de iniciação científica, além de ter sido convidada a integrar o Comitê de Novos Talentos da Academia Brasileira de Audiologia, no biênio 2017/2019, antes mesmo de se formar. “Fui talvez a primeira graduanda a participar do Comitê; os demais já têm mestrado, doutorado”, diz Natalia, cujo enfoque acadêmico tem sido o estudo de alterações da linguagem e da fala por causas neurológicas, como acidentes vasculares cerebrais (AVCs) ou traumatismos cranianos.

Além da qualificação teórica, já demonstra aptidão na parte prática de seu ofício. Vem atendendo pessoas

de diferentes idades no Hospital São Paulo – o hospital universitário da Unifesp – desde o estágio final da graduação até hoje, como parte da especialização, além de pacientes de uma clínica particular; em sua maioria, crianças com autismo.

Em ambos os campos – teórico e prático –, enfatiza o quanto a formação do Vital lhe foi importante. Percebeu que não sentia a mesma dificuldade de outros colegas de faculdade ao ser (re)apresentada a conteúdos já vistos nas aulas de Biologia do professor João Batista Petucco. Ou ao descobrir, para sua surpresa, que conceitos aprendidos a duras penas nas aulas do professor Marcelo Barão (“eu era um fiasco em Física”), quando aplicados ao estudo da acústica e da audição humana, lhe faziam ainda mais sentido. Estavam lá, em sua base de conhecimentos.

O Vital teria, além disso, reforçado na aluna uma vocação – que já lhe era característica, diga-se – para lidar com pessoas. O valor de tratar a todos com sensibilidade e respeito, segundo Natalia, refletia-se nas relações humanas cultivadas no Colégio, que a inspiravam. “Todos os professores sempre trataram os alunos com bastante carinho. Tínhamos um elo muito forte”, diz a ex-aluna. Ela ressalta, ainda, que seus professores de Humanas a ajudaram a entender como ser uma “cidadã melhor, uma brasileira melhor”.

“Nossos estudos e a qualidade de nossa preparação determinam como nos relacionamos com as outras pessoas. Afinal, precisamos sempre dar o nosso melhor”, diz a fonoaudióloga.